

A realidade da escravidão na ficção machadiana: conto “Pai contra Mãe” e o diálogo entre história e literatura

MARCIO DOUGLAS DE CARVALHO E SILVA*

Resumo: O objetivo desse trabalho é fazer uma análise do conto “*Pai contra Mãe*” de Machado de Assis, verificando os pontos em que o autor trata da problemática da escravidão na sua narrativa, os modos de dominação no Brasil escravocrata, e em especial, a forma como uma escrava é submetida aos castigos corporais e também psicológicos. Com essa análise, buscamos identificar como se estabelece a relação entre história e literatura percebendo em que situações a mesma pode ser usada como documento para a análise de um contexto histórico. Para chegarmos ao nosso enfoque, recorreremos a autores que versam sobre a relação entre história e literatura e sobre a literatura afro-brasileira, com ênfase na obra de Machado de Assis. A partir disso, realizamos uma leitura do conto, dando destaque ao fato de um dos seus personagens centrais ser uma escrava, que diante dos castigos impostos por seu senhor acaba perdendo o seu filho em benefício do seu capturador. Com isso, percebemos que na obra a escravidão é descrita da forma como a conhecemos nos livros de história, sem o interesse de maquiagem os modos de dominação e das relações entre senhores e escravos, enfocando ao longo do conto a luta de uma escrava para conquistar sua liberdade, mas que acaba sendo suplantada pelo dominador.

Palavras-chave: Literatura afro-brasileira; Machado de Assis; História e Literatura.

Reality of slavery in machadian fiction: the tale "father against mother" and the dialogue between history and literature

Abstract: The objective of this study is to analyze the story "Father against Mother" of Machado de Assis, checking the points in which the author deals with the slavery issue in his narrative, the domination modes in slaveholding Brazil, and in particular the way a slave is subjected to corporal and psychological punishments. With this analysis, we seek to identify how to establish the relationship between history and literature knowing in what situations it can be used as a document for the analysis of a historical context. To get to our approach, we use the authors on the relation between history and literature and the African-Brazilian literature, with emphasis on the work of Machado de Assis. From this, we performed a reading of the story by highlighting the fact that one of its main characters being a slave, that before for his master imposed punishment loses his son in favor of her captor. With this, we realize that the work slavery is described as we know in the history books, with no concern for makeup modes of domination and relations between masters and slaves, focusing along the story to fight a slave to win their freedom, but that ends up being supplanted by the dominator.

Key words: African-Brazilian literature; Machado de Assis; History and Literature.



* **MARCIO DOUGLAS DE CARVALHO E SILVA** é mestrando em Antropologia – UFPI. Especialista em História e Cultura Afro-Brasileira e Africana – UESPI; Licenciado em História – UESPI; professor efetivo da Secretaria de Estado da Educação do Maranhão.

100U000 RÉIS



100U000 RÉIS

*DE GRATIFICAÇÃO POR CADA ESCRAVO,
e pagão-se todas as despesas que se fizer com
elles até serem entregues a seu Sr.*

No último dia 07 de junho do corrente ano, fugiu das Estâncias do Sr. Sérgio Cabral Filho, na Provincia do Rio de Janeiro vários escravos, que atendem pelo nome de professores grevistas. São de ambos os sexos, idades variadas e revoltados com o tratamento dado pelo seu Senhor. Alguns portam um lap-top e um vale-cultura. São perigosos e persistentes, capazes de tudo para fazer valer seus direitos. Diz-se que a localização provável do Quilombo é nas proximidades do Arraial da Ajuda. Gratifica-se bem aos Diretores Feitores que conseguirem trazer de volta as suas atividades esses fujões.

Introdução

Quando nos referimos à escravidão no Brasil é comum nos reportamos ao negro vindo da África, seus descendentes e à vida de castigos que os mesmos eram submetidos no nosso país até a abolição da escravatura. Essas informações são mais costumeiramente encontradas nos livros convencionais de história, mas muitos dos aspectos desse sistema, assim como de outros temas podem ser vistos em outros gêneros textuais, e estudados a partir da análise do contexto histórico em que foram produzidos e a realidade por ele retratada, como é o caso de textos literários que contam aspectos importantes da escravidão no Brasil.

Machado de Assis foi um desses literatos, que vivendo no período da escravidão brasileira escreveu utilizando personagens escravos, assim como as

duras condições a que os cativos eram submetidos. A obra *“Pai Contra Mãe”* é um bom exemplo de escrito machadiano que retrata essa realidade. A partir de uma personagem escrava, o autor nos mostra um pouco da realidade daquela época, descrevendo situações comuns no cotidiano dos escravos, assim como se dava a relação entre eles e seus senhores.

Ao nos referirmos literatura machadiana, podemos fazer um paralelo entre a realidade em que ele viveu e descreveu nos seus textos quando se referem ao negro no Brasil e a sua própria condição social, pois o mesmo apesar de ser afrodescendente, não envolveu seus escritos literários como arma ideológica e política para a abolição da escravidão. Por outro lado, seus escravos e a condição do negro são retratados de forma que tornavam explícito o que podemos dizer ser a realidade da época.

Diante disso, o objetivo desse trabalho é fazer uma análise do conto de Machado de Assis “*Pai contra Mãe*” e perceber a partir do mesmo como o autor retrata a escravidão no Brasil Império tendo como base o caso particular da escrava Arminda que tem seu projeto de liberdade frustrado após fugir do seu senhor.

Ao fazer uso de um texto pertencente ao gênero literário como fonte de pesquisa histórica, percebemos as aproximações entre a narração tipicamente literária e a história, e vemos onde se dão os estreitamentos e aproximações entre as duas. Nesse texto, a escravidão é descrita por Machado de Assis no viés da dominação e das relações entre senhores e escravos sem se preocupar em esconder os mecanismos de tortura e de dominação e de afirmação do poder dos senhores sobre a grande massa de cativos.

História e Literatura: diálogos e possibilidades

Com as mudanças surgidas a partir da ascensão dos *Annales* no século XX, (BURKE, 1997), ocorreram importantes transformações nas concepções metodológicas e teóricas da história enquanto ciência, o que refletiu diretamente no modo de se pesquisar e escrever história. Com isso, percebeu-se a possibilidade de ampliar os campos de domínio da pesquisa histórica a partir da aproximação e do diálogo com outras ciências, assim como novas maneiras de tratar o sujeito histórico, multiplicando os instrumentos e temas que poderiam ser abarcados pela “história”, refletindo diretamente em mudanças fundamentais no modo de ver, pesquisar e analisar os sujeitos e acontecimentos.

Diante dessas novas possibilidades, a literatura, enquanto gênero narrativo passa a ser vista como fonte possível de

proporcionar a partir de sua narração fictícia, a leitura histórica de épocas e de sujeitos representados em seus escritos. A aproximação entre esses dois gêneros da narrativa, segundo Chartier (1999, p. 197), pode ser vista de duas maneiras: “A primeira enfatiza o requisito de uma aproximação plenamente histórica dos textos. A segunda procede ao contrário, descobre em alguns textos literários uma representação aguda e original dos próprios mecanismos que regem a produção e transmissão do mistério estético”.

Essa representação do real, dos mecanismos que orientam a produção da escrita literária percebida nos textos desse gênero, pode ser uma importante fonte capaz de fornecer respostas pontuais para a investigação histórica, uma vez que por trás de uma narrativa literária, sempre podemos encontrar uma narrativa histórica, pois a mesma é construída em um contexto social, político, econômico e por não dizer histórico.

Fazer a leitura de tempos diversos a partir da literatura visando à percepção do real por trás desse discurso “criado” sem o compromisso com a realidade dos fatos, é uma tarefa que requer do historiador uma percepção das condições de construção do gênero fictício, pois “o discurso literário resulta de uma reflexão e se constitui em uma mediação social, tal como o discurso histórico. Daí ser possível através das técnicas de expressão literária, tais como os modos de narrar e construir pontos de vista, poder-se revelar a história”. (SANTOS, 2007, p.6).

Essas conclusões se aproximam das afirmações de alguns teóricos como Chalhoub e Pereira, (1998), pois para os mesmos toda obra literária é passível de ser uma evidência histórica que pode ser situada no processo histórico,

apresentando condições específicas, tendo a necessidade de ser indagada.

A importância do estabelecimento da determinação dos níveis de aproximação entre literatura e ciência histórica é colocadas por Ginzburg (2007), uma vez que para o autor, o fictício está ligado àquele que cria a partir de algo. Na história, esse algo são as fontes, os traços da evidência de um acontecido. Na complementação desde entendimento onde tenta afastar a ficção da fantasia, o autor afirma que o falso era o não verdadeiro e fictício era o verossímil. Daí há de se considerar que as fontes são os rastros, para se chegar ao acontecido e não o fato propriamente dito, concluindo que a ficção na história é controlada pelos rigores do método na busca da reconstrução de uma temporalidade.

Certeau (2011), apresenta considerações que se aproximam em certos pontos das de Ginzburg (2007), no tocante a aproximação entre esses dois gêneros narrativos. Para o mesmo, há uma distinção básica entre as duas, pois a representação da história é articulada a um lugar social da operação científica, sendo que o tempo do historiador não é o tempo real, mas sim o tempo do fictício.

Para José D'Assunção Barros (2010), os estreitamentos entre narrativa-ficção e narrativa histórica, podem ser analisados a partir da de quem escreve o texto, e não só a partir de quem escreve, pois “o historiador também é, essencialmente, um construtor de texto. Este traço incontornável de seu ofício o aproxima do Literato”. (BARROS, 2010, p. 10).

Partindo dessas afirmações percebemos que história e literatura se aproximam em diversos campos da construção da narrativa, seja pela escolha do lugar social retratado, seja pela escolha dos sujeitos representados na narração, sendo inegáveis as contribuições da

literatura para a história quando a primeira é tida pelo pesquisador como recurso de análise de uma época. No final, os dois tipos de narrativas são modos de representar uma realidade vivida em um tempo e um espaço determinados, portanto são narrações que se diferenciam, de modo geral, pelo compromisso que cada uma tem que a realidade retratada na sua escrita e dos artificios e métodos que usam para isso.

A literatura Afro-brasileira

A literatura enquanto narrativa tem o poder de contar e mostrar variadas características do comportamento de um povo, seus aspectos culturais e suas mentalidades, assim como sua condição social e a luta por visibilidade. Dependendo do contexto em que é escrita, uma obra de ficção pode ter um pano de fundo que vai além da mera imaginação e dá passos largos para dentro da realidade.

Durante o período de dominação escravista no Brasil, a literatura produzida por autores negros e não negros, volta(va) para a representação do negro na sociedade “apresenta um momento de afirmação da especificidade afro-brasileira (...) que se encaminha para uma inserção no conjunto da Literatura Brasileira” (PEREIRA, 1995).

De modo mais concreto, a literatura afro-brasileira em muitos casos sugere uma narrativa mais voltada para o viés identitário, pois para alguns autores a literatura negra está ligada a noção da conformação das identidades.

As expressões “literatura negra”, “poesia negra”, “cultura negra” circularam com maior intensidade na nossa sociedade a partir do momento em que tivemos de enfrentar a questão da nossa identidade cultural. (...) Quando os preconceitos contra os descendentes de africanos tornaram-se mais

evidentes, houve um momento em que se tornou inevitável discutir sobre a literatura produzida por negros ou que trata dos conflitos vividos pelos negros. (SOUZA e LIMA (org.), 2006, p.13).

Essa inevitabilidade destacada pelas autoras reflete os contornos da política brasileira de tentar mostrar que o país, formado socialmente por diferentes grupos étnicos, vivia em plena interação desses povos, o que ficou conhecido como a crença da democracia racial, porém com o tempo esse conceito foi sendo corroído pelas intempéries da realidade em que os afrodescendentes eram e ainda são submetidos no cotidiano brasileiro.

Os conflitos e as resistências que já se estendiam desde a introdução do negro como mão de obra escrava no Brasil, passaram a ser percebidos e discutidos com mais frequência na sociedade brasileira e, conseqüentemente o que era escrito por negros e sobre os negros também ganharam visibilidade, são esses poemas, contos e romances que ficaram conhecidos como literatura afro-brasileira.

Para Lobo (2007, p. 315), literatura afro-brasileira pode ser definida como “a produção literária de afrodescendentes que se assumem ideologicamente como tal, utilizando um sujeito de enunciação próprio”. Na visão da autora, ao assumir-se como negro, o literato assume ideologicamente a sua luta pelo fim das amarras da subjugação, sendo a literatura para o afrodescendente um elemento também de cunho político, pois a partir dela é capaz de expressar seus anseios e suas lutas, tendo esta literatura uma diferenciação básica em relação à literatura produzida por brancos sobre os negros, pois essa é carregada de preconceção, estigmas e que retrata o negro a partir de um olhar reducionista.

Diante desses conceitos, é bom percebermos a diferenciação da literatura produzida por negros e a ideologia que ela carrega, e a produção literária produzida a partir dos negros, enquanto sujeitos representados na escrita. Para Souza e Lima (org.) (2006, p.11), o termo “literatura negra”, tem relação com as “discussões no interior de movimentos que surgiram nos Estados Unidos e no Caribe, espalharam-se por outros espaços e incentivaram um tipo de literatura que assumia as questões relativas à identidade e às culturas dos povos africanos e afrodescendentes”.

Desde os autores mais conhecidos que se tornaram referência na literatura nacional ao longo dos séculos, seja na poesia ou na prosa, e que de alguma forma criaram personagens negros em suas narrativas como Gonçalves Dias, Machado de Assis, José do Patrocínio, Cruz e Souza, Maria Firmina dos Reis e Lima Barreto, até a primeira edição dos Cadernos Negros na década de 1970, a realidade política e econômica do Brasil passou por grandes transformações, e a condição do negro na sociedade brasileira em certos aspectos, foi se modificando, da mesma forma que as narrativas em torno das temáticas do negro, como em Machado de Assis, que apareciam no viés da dominação escravocrata e dos maus tratos e das relações dos negros com os senhores brancos a “luta contra a democracia racial” e a relação entre literatura e suas motivações sócias políticas dos *Cadernos Negros*.

A escravidão na literatura machadiana

Diante da variedade de temas abordados por Machado de Assis em sua obra seja em contos ou romances, um aspecto nos desperta maior interesse: a escravidão e a situação do negro no Brasil na época em

que são ambientadas as suas histórias e as vidas de seus personagens.

Machado de Assis viveu no período de 1839 a 1908 e produziu boa parte de sua obra ainda enquanto vigorava o regime escravista no Brasil, aproveitando temas recorrentes no seu cotidiano para servirem de pano de fundo aos seus enredos. Obras como o “*O caso da Vara*” (1891), “*Pai contra Mãe*”, (1906), “*Mariana*” (1871), e “*Memória Póstumas de Brás Cubas*” (1881), são exemplos de obras onde o autor retratou o negro e a sua condição como escravo no Império, seja como personagem de destaque ou em condições secundárias.

Mesmo a escravidão sendo um tema que aparecia às vezes com recorrência na obra de Machado de Assis, e tendo em vista que o mesmo era um escritor afrodescendente e de origens humildes, associar os seus personagens negros e escravos com uma ação política de luta pelos direitos do negro e do escravo, pode nos levar a cometer equívocos, pois segundo Santos (2006, p. 66), “Machado de Assis não se ocupou, nos romances, de tema escravista / abolicionista. (...) Os personagens escravos permeavam a narrativa e raramente problematizavam a sua condição humana e social”.

Esse não engajamento direto na causa do negro no tocante a ausência de uma defesa explícita da libertação do escravo na sua literatura em um período em que algumas de suas publicações que se voltavam para esse tema coincidiram com as lutas pela emancipação do negro, mais precisamente o movimento abolicionista que culminou com a abolição, fez com que “críticos a considerarem o escritor alienado em relação aos problemas da sociedade de sua época, sobretudo à condição escrava de afro-brasileiros, que perdurou durante

quase toda a sua existência” (DIOGO, 2009, p. 146).

Essa postura “alienada” em relação à causa do escravo na literatura machadiana pode ser vista como uma postura adotada pelo autor em relação à realidade da época em que ele viveu, onde ser negro era sinônimo de desprestígio e o mesmo possuindo determinadas características físicas que para o pensamento da época o diminuía perante a sociedade em que ele se destacava, buscou com isso uma forma “defensiva” em relação a sua condição de também negro de pele, mas não engajado com a situação dos seus irmãos de cor em sua literatura.

O modo como Machado retratava a escravidão em sua obra pode ser visto partindo não do ponto em que ele percebia a situação do escravo na sua relação cotidiana com as elites a que eram subjugados, as relações e a forma real como eles eram tratados por essa elite, sem se preocupar em traçar um panorama de reivindicação da ordem existente na literatura, mas de mostra-la como de fato existia, e com isso, “o romance machadiano produzia outro registro realista extremamente sutil e eficaz: como a ambiência social dos textos era basicamente o interior de propriedades senhoriais da Corte, não seria verossímil fundar o enredo na escravidão” (CHALHOUR, 2003, p. 37)

A narrativa que enfoca as relações entre as classes sociais, deixando clara a diferenciação que existia entre senhor e escravo é uma característica dos contos em que os cativos são personagens, além disso, o controle sobre a massa de escravos perante a sua “teimosia” e resistência pode ser visto em muitos momentos na sua obra, com destaque para o castigo recebido pelo rebelde.

O realismo exposto por Machado de Assis em algumas obras ao representar o negro como personagem na literatura, pode ser visto como uma escrita cuidadosa em denunciar as condições de tratamento do escravo, os castigos e também as angústias e os desejos dessa classe que era tão importante para a economia brasileira na época que o autor soube enxergar o seu comportamento e o comportamento dos seus senhores no contexto das relações que eram estabelecidas entre os mesmos, foi um modo de expor as privações do negro no ambiente escravista.

Se Machado não se pôs a usar a literatura como voz da luta pela abolição, soube denunciar mesmo que de forma implícita o descaso da escravidão e se opôs a mascarar a sua cruel realidade em muitos de seus textos.

Pai contra Mãe: a realidade na escravidão retratada na literatura

Conto publicado em 1906, "*Pai contra Mãe*" faz parte de uma junção de textos de Machado de Assis publicados sob o título "*Relíquias de Casa Velha*". Incluído nessa compilação de escritos do autor, "*Pai contra Mãe*" é um conto que enfoca a escravidão nos na época do Império, tendo como cenário as ruas do Rio de Janeiro.

Narrado em terceira pessoa, o conto é ambientado em um período onde as relações entre escravos e senhores ainda eram bastante conflituosas. Entre essas duas classes entra um terceiro personagem, que no conto, será o "Pai", um homem que não é senhor, nem escravo, é um livre, mas um livre pobre que se ver diante de uma situação que o envolve no centro dessas relações entre dominadores e dominados.

No conto, a história dos personagens é ambientada durante o sistema escravocrata brasileiro, e os negros

escravizados são inseridos nesse contexto à medida que sua condição enquanto cativo vai sendo descrita e exposta nas suas formas mais cruéis.

Candido Neves, habitando o Rio de Janeiro do século XIX, é um desempregado. Ao apaixonar-se por Clara, acaba casando com ela e vê-se obrigado a procurar recursos para manter a sua esposa. Após perder a esperança de se fixar em um emprego convencional para os padrões da época, passa a viver de trabalhos que surgiam esporadicamente, um deles era capturar escravos fugidos, o que por algum tempo lhe proporcionou uma boa renda.

Embora tenha sido lucrativo por um período, pegar escravos fugidos não estava dando mais tanto lucro, entre alguns fatores pela concorrência de outros caçadores. Mesmo não tendo muitos recursos, Clara, esposa de Candido engravida, causando grande preocupação a Mônica, tia da mesma. Sem ter como sustentar o filho, a única saída é seguir os conselhos de Mônica e entregar o filho para a Roda dos Enjeitados, causando a resistência de Candinho. Para não ter que abandonar o filho, o mesmo passa a procurar uma escrava fugida que o seu senhor prometera maior recompensa a quem a capturasse: "(...) cem mil-réis. Tratava-se de uma mulata; vinham indicações de gesto e de vestido. Cândido Neves andara a pesquisá-la (...). Saiu de manhã a ver e indagar pela rua e Largo da Carioca, rua do Parto e da Ajuda, onde ela parecia andar, segundo o anúncio". (ASSIS, 2008, p. 82).

Após perder as esperanças de encontrá-la depois de sua caçada, Cândido Neves não vê outra solução se não entregar o filho para a Roda dos Enjeitados. Porém, antes que o fato se consumasse, acabou se deparando com a escrava fugida no meio do caminho. Ao pronunciar o seu

nome, Arminda o atendeu sem se dar conta do que estava por vir. “Foi só quando ele, tendo tirado o pedaço de corda da algibeira, pegou dos braços da escrava, que ela compreendeu e quis fugir. Era já impossível. A escrava quis gritar, (...) mas entendeu logo que ninguém viria libertá-la, ao contrário”. (ASSIS, 2008, p. 84). Mesmo tendo implorado para que a libertasse alegando que estava grávida, e ter se disposto a ser escrava de Candido, os apelos de Arminda não foram ouvidos. “Houve aqui luta, porque a escrava, gemendo, arrastava-se a si e ao filho. Arminda ia alegando que o senhor era muito mau, e provavelmente a castigaria com açoitões, – coisa que, no estado em que ela estava, seria pior de sentir”. (ASSIS, 2008, p. 84).

Após entregar a escrava a seu senhor, Candinho consegue recompensa suficiente para ficar com seu filho, mas a escrava que sofrera tanto durante o trajeto do local da captura até a entrega por Candinho ao seu dono, como também pelos castigos impostos a mesma por ter fugido, acaba abortando a criança que carregava no ventre.

Nesses trechos, onde a escravidão é abordada em uma das suas múltiplas faces, uma negra, mesmo estando grávida, não é poupada do castigo que dá fim a vida do seu filho. É uma relação que se dá além do senhor e escravo, e chega até os escravos e os brancos livres pobres, onde mesmo assim o negro está em desvantagem, uma vez que, se Candinho quisesse, poderia ter deixado Arminda seguir seu caminho e dado a luz a seu filho, mas vendo-se diante da necessidade, o mesmo opta por seu filho, pois o dinheiro recebido pela captura da escrava levaria seu herdeiro de volta a

casa. Nesse caso, pai e mãe lutam para salvar seus filhos, e a escrava, acaba perdendo nessa disputa¹.

Em algumas passagens que se dão após a captura de Arminda por Candinho, é possível percebermos a indiferença dos demais com a causa escrava. Logo após ser capturada, a escrava, aos prantos, pede clemência, o que era observado por outras pessoas. “Quem passava ou estava à porta de uma loja, compreendia o que era e naturalmente não acudia”. (ASSIS, 2008, p. 84). Mesmo assim, a condição da escrava era ignorada, o que mostra o quão legitimada era a escravidão nesse período, uma vez que todos se limitavam apenas a observar a situação, mas ninguém tentava intervir a favor da negra.

Além da situação envolvendo uma negra fujona, sua captura e o castigo a ela imposto pela ousadia, o conto “Pai contra mãe” nos revela outros aspectos da escravidão que não se apoiam em personagens do escrito para serem mostrados. Logo no início do texto, Machado de Assis descreve alguns objetos que eram incorporados ao corpo do escravo para lhe impor alguma limitação e/ou castigo, como é destacado abaixo, entre eles

(...) o ferro ao pescoço, outro o ferro ao pé; havia também a máscara de folha-de-flandres. A máscara fazia perder o vício da embriaguez aos escravos, por lhes tapar a boca. Tinha só três buracos, dois para ver, um para respirar, e era fechada atrás da cabeça por um cadeado. Com o vício de beber, perdiam a tentação de furtar, porque geralmente era dos vinténs do senhor que eles tiravam com que matar a sede, e aí ficavam dois pecados extintos, e a sobriedade

¹ Ao analisar o mesmo conto, Silva e Nunes (2008, p. 192), concluem que o mesmo “retrata a realidade, ou seja, que apenas os brancos, mesmo

em situação econômica difícil, contam com a proteção social, pois são livres, enquanto os escravos nem são considerados humanos”.

e a honestidade certas. (ASSIS, 2008, p. 73).

As descrições acima caracterizam uma instituição que além de legitimada era cruel com seus submissos tentando educá-los aos seus padrões de forma repressiva e agressora. De acordo com o conto, a máscara de ferro impedia que o escravo cometesse “delitos” e era algo tão normal na sua sociedade que era possível até encontrar no mercado convencional. O uso de metais como forma de contenção era apenas uma das marcas do domínio que se dava a ferro e pancada para aqueles que se atreviam tentar se livrar desse sistema. “Sucedia ocasionalmente apanharem pancada, e nem todos gostavam de apanhar pancada. (...) A fuga repetia-se, entretanto”. (ASSIS, 2008, p. 74).

As fugas na década de 1850, período em que provavelmente se passa a história², eram constantes. Além das fugas, outros aspectos das relações e condições dos negros no sistema escravista são retratadas no conto, como os escravos que eram poupados de um castigo severo após a captura, quando se acentuava o sentimento de estar batendo ou desgastando uma coisa que é sua e que assim a está desvalorizando, além do apadrinhamento que servia como um intercessor para aliviar o castigo do negro.

As condições e as relações que são tratadas no conto nos levam a compreender como se dava o processo de hierarquização da sociedade, assim como a ideologia dominante no sistema escravocrata: o negro é um objeto, e como tal pode ser vendido, castigado e deve total obediência a seu senhor. Machado de Assis, não se atém apenas a descrever os instrumentos usados para

castigar os escravos logo no início do conto, mas desenvolve uma narrativa que incluía além do caso de Arminda no seu processo de fuga, outro personagem que também está em busca de liberdade (poder está com o seu filho). O caminho dos dois se entrecruza e no desfecho dessa história, o branco, mesmo sendo pobre se sobressai nos seus desejos em detrimento da escrava.

Considerações finais

Ao buscar fazer uma leitura histórica e compreender algumas formas de dominação escravista no Império a partir de um conto de Machado de Assis, trabalhamos como uma das possibilidades de pesquisa histórica: a análise de um período histórica a partir da narração literária. Nesse conto, percebemos como o autor tentou mostrar as formas de dominação sobre os escravos e os objetos metálicos usados como forma de castigo.

A violência usada da captura de Arminda, a falta de compaixão de Candinho e dos demais que assistiam a cena com a condição da negra e o destino trágico que o conto reserva a mesma, nada mais é do que um retrato dos acontecimentos costumeiro da época, onde escravos eram tratados como mercadoria e estavam sujeitos a sofrer todo tipo de violência física.

Mesmo tendo sido publicada após o fim da escravidão, “Pai contra Mãe” revela a realidade presenciada por Machado de Assis, que escreveu além desse, outros contos onde as relações dos negros com seus senhores servem de pano de fundo para sua narrativa. A contextualização histórica avistada nessa análise nos leva a entender que as formas de dominação e coerção do escravo se dava de forma

² Publicado em 1906, o conto em determinado momento deixa clara a expressão “Há meio século, os escravos fugiam com frequência”

(ASSIS, 2008, p. 74), com isso chegamos à conclusão que o texto é ambientado no início da segunda metade do século XIX.

legitimada e a ideologia vigente na época permeava em todas as instituições do Império.

É nessa ambiência social, e no contexto da escravidão do conto de Machado de Assis, que podemos perceber o quanto história e literatura têm em comum e até onde uma pode contribuir para a outra. Certamente são duas narrativas que tem métodos distintos para produção de suas histórias, mas ambas se valem de uma época, de um “lugar social” e de um contexto específico para fundamentar seu discurso, diferenciando-se apenas pela liberdade de criação de uma e a limitação documental com que a outra é comprometida.

Referências

- ASSIS, M. Pai Contra Mãe. *In: Conto de escola e outras histórias curtas Machado de Assis*. Brasília: Câmara dos Deputados, Edições Câmara, 2008.
- BARROS, J. D. História e literatura – novas relações para os novos tempos. *Revista de artes e humanidades*, nº 6, mai-out 2010.
- BURKE, Peter. *A Escola dos Annales (1929-1989): a Revolução Francesa da Historiografia*. São Paulo: Fundação Editora da UNESP, 1997.
- CERTEAU, M. *A Escrita da História*. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2011.
- CHALHOUB, S. *Machado de Assis historiador*. São Paulo: Companhia das Letras, 2003.
- CHALHOUB, S.; PEREIRA, L. A. M. (org.) *A história contada: capítulos de História social da Literatura no Brasil*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1998.
- CHARTIER, R. Debate Literatura e História. *Topoi*, Rio de Janeiro, nº 1, pp. 197-216.
- DIOGO, R. A escrita machadiana e a literatura negra. *Cadernos Cespuc de pesquisa*. Nº 18, 2009.
- GINZBURG, C. *O fio e os rastros*. Verdadeiro, falso, fictício. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.
- LOBO, L. *Crítica sem juízo*. Rio de Janeiro: Garamond, 2007.
- PEREIRA, E. A. Panorama da literatura afro-brasileira. *Callalooos*. Vol. 18, no. 4, literatura afro-brasileira: um número especial (Autumn, 1995), pp. 1035-1040.
- SANTOS, O. J. *A consagração literária: o exemplo de Machado de Assis*. 2006. Tese (Doutorado em Literatura Brasileira). Coordenação dos cursos de Pós-Graduação em Letras, Universidade Federal do Rio de Janeiro, 2006.
- SANTOS, Z. A. M. História e literatura: uma relação possível. *Revista Científica*. V. 2 - Janeiro - Dezembro / 2007
- SILVA, Carla Daiane da; NUNES, Márcia Vanessa. Machado de Assis: a história através da ficção. *Métis: história & cultura* – v. 7, n. 14, p. 185-196, jul./dez. 2008.
- SOUZA, F.; LIMA, M. N. (Orgs.). *Literatura afro-brasileira*. Salvador: centro de estudos afro-orientais; Brasília: Fundação cultural palmares, 2006.

Recebido em 2016-07-15
Publicado em 2017-03-06